UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº90 – MARÇO – PORTO VELHO, 2003
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL
ALBERTO LINS CALDAS – História
ARNEIDE CEMIN – Antropologia
ARTUR MORETTI – Física
CELSO FERRAREZI – Letras
FABÍOLA LINS CALDAS – História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL – Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES – Educação
MARIO COZZUOL – Biologia
MIGUEL NENEVÉ – Letras
VALDEMIR MIOTELLO – Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

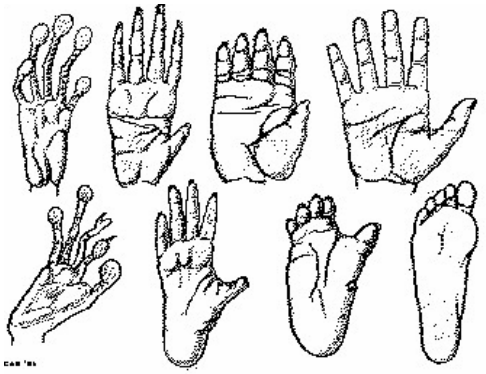
CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421 *lathé biosa* **90**



A VIDA AFETIVO-SEXUAL COLONIAL BRASILEIRA E AS CONSEQUÊNCIAS PSICO-CULTURAIS

MARCEL DE ALMEIDA FREITAS

edufro

Marcel de Almeida Freitas
Antropólogo
marleoni@Yahoo.com.br

A VIDA AFETIVO–SEXUAL COLONIAL BRASILEIRA E AS CONSEQÜÊNCIAS PSICO–CULTURAIS

O tráfico de escravos foi iniciado no Brasil em 1526 e a escravatura foi abolida em 1836 (PRADO Jr., 1961). Durante estes três longos séculos, negros oriundos de diferentes partes da África ajudaram a construir este país. Aqui também os portugueses(as) puderam exercer sobremaneira a dominação e a exploração sexual sobre os colonizados – índias(os) e negras(os).

Assim, este artigo é uma tentativa de abordar alguns aspectos da vida sexual de escravas(os) e senhores(as), investigação esta que pode esclarecer características importantes do fenômeno escravidão em geral como também trazer algumas luzes sobre o comportamento sexual e as relações de gênero do povo brasileiro atualmente. Desta forma, no cruzamento da História com a Psicologia, pretende–se pontuar alguns aspectos das relações interpessoais entre pessoas no âmbito sexual e afetivo hierarquicamente desiguais.

O SEU CORPO É MEU

Durante a escravidão os corpos dos escravos pertenciam aos donos como se fossem corpos de animais. Assim, os brancos podiam manifestar livremente uma agressiva luxúria sobre as negras, e não raro sobre os negros (MOTT, 1988). Segundo Gilberto FREYRE (1926) a licenciosidade, a depravação (segundo os costumes ocidentais da época) e a subordinação sexual são inerentes ao sistema colonial brasileiro. Os portugueses, interessados em povoar a terra enorme e deserta logo lançaram mão do corpo das nativas e posteriormente abusaram da importação de adolescentes negros (rapazes e moças), para que, na promiscuidade dos navios negreiros, eles tivessem relações sexuais e as negras aqui chegassem grávidas, aumentando o patrimônio de seus futuros senhores – segundo as leis escravocratas daquele período, o senhor não precisava pagar pelo feto no ventre da mãe (POMER, 1980).

Na "Idea Geral de Pernambuco em 1871" (MOTT, 1988) um cronista anônimo fala da 'grande lubricidade' dos negros nos engenhos, fato que era estimulado pelos senhores ávidos de aumentar seu plantel. Entretanto, tal crônica mostra apenas o caráter ideológico da época, já que não eram os negros os verdadeiros lúbricos – mesmo porque eles não tinham os sistemas religiosos e as noções de pecado cristãs – eles foram, na grande maioria das vezes, vítimas do clima de lubricidade existente na própria estrutura do sistema escravocrata, sendo que era o europeu o elemento ativo e o principal beneficiado de toda essa licenciosidade.

Os pais – senhores de engenho – viam sempre com olhos simpáticos e de silenciosa aprovação a antecipação sexual dos filhos varões com as 'negrinhas imberbes' (FREYRE, 1926).

Esta violência sexual (ainda que não tivesse caráter de violência física certamente era uma agressão psicológica e cultural), além de preservar as 'moças de família', futuras esposas, significava o surgimento de mulatos para os trabalhos na lavoura. O fato de que estes rapazes brancos não tivessem nenhuma atividade, nenhum trabalho (os trabalhos braçais eram vistos com extremo desprezo), também contribuía para essa extrema sexualização da vida cotidiana, ou seja, uma forma de preencher o tédio (PRADO Jr., 1961).

Segundo as tradições rurais nos engenhos até mesmo as senhoras – mães mais desembaraçadas – incentivavam que seus filhos fossem para os braços das negras e das mulatas; recorrendo a Gilberto Freyre vemos que:

"Nenhuma casa grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com sua docilidade de escrava: abrindo as pernas ao primeiro desejo do senhor–moço. Desejo não, ordem" (FREYRE, 1926:113).

O clima de liberalismo e exploração sexual de negras(os), e em menor escala índias(os), favorecia o desejo de idosos e jovens. Sucedia muitas vezes que justamente aqueles senhores mais severos com seus filhos e principalmente com suas filhas e esposa eram os que davam mais mostra de ímpeto de dominação sexual sobre a 'carne das negras'. Nessa época acreditava–se que era o calor dos trópicos que acelerava o precoce despertar sexual dos rapazes brancos e não os exemplos paternos e mesmo dos avôs (STAVENHAGEN, 1973). Padre Lopes Gama disse que os meninos das fazendas de cana–de–açúcar "(...) apenas tocam os limiares da virilidade e já se entregam desenfreadamente aos mais porcos apetites; são os garanhões daqueles contornos" (*apud* MOTT, 1988:45).

A dupla moral, característica da sexualidade brasileira até os dias de hoje, se manifestava no fato de que, entre outras coisas, o senhor por pudores e preceitos religiosos, se reprimia sexualmente com a esposa branca – figura exclusiva para a reprodução – mas geralmente não tinha freios no relacionamento com escravas, consideradas simples objetos. Tais relacionamentos muitas vezes marcavam de maneira permanente o psiquismo dos homens da época, como mostra o seguinte exemplo narrado por Raoul Dunlop (*apud* FREYRE, 1926): certo jovem de conhecida família escravocrata do Sul do país para excitar–se sexualmente diante da noiva branca teve que levar para os aposentos a camisola úmida de suor de sua escrava negra, sua amante desde que entrara na adolescência.

De qualquer forma, negras e negros de intensa beleza – os padrões estéticos não eram tão rígidos e autoritários como atualmente – deviam se constituir em 'tentação' para europeus sexualmente reprimidos no velho mundo, e que quando chegavam ao Brasil podiam dar vazão a impulsos sexuais mais facilmente. O Reverendo Walsh em seu "Notices of Brazil" de 1830 diz o seguinte:

"A superioridade da população negra não é tão grande em número quanto em atributos físicos. Muitos negros e mulatos são pessoas mais vigorosas e atléticas que se pode contemplar e poderiam servir de modelos para um Hércules de Farnese" (*apud* ARANA, 1960:69).

Já o francês Tollenare descrevia as negras como tendo "formas esculturais, proporções generosas de corpo, os tons quentes da pele, a paixão concentrada no olhar" (NOVAIS, 1979:173). Ele admirava o próprio odor do corpo das negras, em contraste com o cheiro artificial produzido pela maquiagem das mulheres brancas. Um anúncio do "Jornal do Commércio" do século XIX dá bem a medida de como valorizavam–se os aspectos sexuais nas moças negras e mulatas – além do aspecto força e disposição para o trabalho: "Procura–se negrinha de beiços finos, olhos grandes, pés pequenos, espigadinha de corpo, peito em pé. Rua das Violas, em São Cristovão" (MOTT, 1988:55). Em outro anúncio do mesmo jornal vemos como tais seres humanos eram maltratados pelos seus senhores, como eram totalmente coisificados:

"Procura–se mulatinha puxando a sarará, de nome Joana, 14 anos prováveis, fugida de um engenho do Carmo, cor alvacenta, cabelo carapinho e russo, corpo regular, com todos os dentes, mas com vestígios antigos de chibata no corpo (...). Fala às vezes viciosa. Padecendo de bouba[1] *nas partes ocultas"* (POMER, 1980:106).

A descrição dada aos 'machos da espécie' também primava em exaltar os caracteres selvagens, robustos e primitivos, que tanto distinguia os negros dos brancos, e que muitas vezes vemos de modo subliminar na mídia de hoje: no "Diário de Pernambuco" do século XIX procurava–se um tal de Francisco com as seguintes características: "23 anos, grosso de corpo, cabelos não encarapinhados, dentes perfeitos, pé e mãos regulares, negro pachola que fugiu trajando calça de casimira preta (...)" (POMER, 1980:109).

A partir deste e de vários outros anúncios percebemos que o interesse dos senhores (e mais camufladamente das senhoras) pelas(os) negras(os) e mulatas(os) não se reduziam apenas aos serviços domésticos, da lavoura ou da garimpagem: a escravidão também incluía obrigações na alcova dos brancos. No período colonial muitos portugueses optavam por amasiar–se com uma negra ou mulata; as leis lusitanas facilitavam como nenhuma outra o registro dos filhos ilegítimos favorecendo que tais ligações não ficassem tanto na clandestinidade como em outras zonas coloniais – espanholas, francesas, inglesas. Nas palavras de Gilberto Freyre isso se deveu ao fato de que

"A falta de gente para a colonização do país fez diminuir os escrúpulos contra irregularidade sexuais. Talvez em nenhum país católico tenham até hoje os filhos ilegítimos – particularmente os de padre – recebido tratamento tão doce" (FREYRE, 1926:239).

Em seu livro "Crônicas do negro no Brasil", Sérgio Diogo Teixeira de Macedo (*apud* NOVAIS, 1979) se refere ao fato de que meninas negras de 10, 11 anos eram estupradas por 'sinhós–moços' e 'sinhós–velhos'; padres viviam abertamente com escravas, criando os filhos daí gerados com responsabilidade paterna, o que deu origem até mesmo a algumas famílias ilustres, sobretudo no Nordeste. Muitas escravas eram obrigadas a se prostituir nas ruas de Salvador, Recife, Rio de Janeiro para sustentar ávidos senhores. O Reverendo Walsh, anteriormente citado, também menciona o fato de europeus louros e ruivos – alemães, belgas,

[1] Doença venérea que às vezes se confundia com a sífilis.

escoceses, ingleses, dinamarqueses – venderem por altíssimos preços seus filhos mestiços bastardos devido aos olhos azuis e cabelos avermelhados ou alourados (POMER, 1980).

O SEXO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO

De acordo com a obra de Gilberto Freyre nos mercados negreiros os compradores faziam com que os negros ficassem quase nus, 'arreganhavam' suas bocas para ver a dentição, mandava–os tossirem, sorrirem, saltarem e todo tipo de ignóbil exposição com o objetivo de avaliar a 'qualidade do material'. Havia também aqueles compradores que muito examinavam o tamanho do órgão sexual dos negros bem como a rigidez dos seios das negras; muitas vezes a 'análise' das partes pudicas dos escravos se ligava aos interesses reprodutivos no cativeiro, porém não era raro que tal exame objetivava verificar o grau de prazer que tais 'coisas' poderiam proporcionar ao comprador (FREYRE, 1926). Os negros tinham que se submeter a tudo: eram apalpados, apertados, cheirados, quase que eram mordidos, amolengados, etc. os ciganos eram os que mais expunham as negrinhas imberbes em posições de sedução para atrair os senhores compradores, tapando apenas seu sexo com diminutos tecidos.

Muitas vezes, e através disso podemos ver a dominação de gênero, de classe e étnica, as negras mesmo coisificadas desta maneira desenvolviam apreço, afeição e até mesmo amor pelos seus senhores. Os versos de uma mulata desconhecida, coletados por Leon Pomer, mostram a atuação da ideologia dominante (a vítima que se liga afetivamente ao algoz): *"meu branquinho feiticeiro/doce ioiô do meu coração/adoro teu cativeiro/branquinho do coração./Pois tu chamas de irmãzinha/a tua pobre negrinha/que estremece de prazer/e vais pescar à tardinha/mande piau e corvina/para sua negrinha comer"* (POMER, 1980:10).

Por outra mão, é preciso considerar que se tornar amante de um branco, ou mesmo prostituir–se, era uma das poucas alternativas que uma negra ou mulata tinha para amenizar a escravidão, ou em casos mais raros, de se tornar livre. André João Antonil (*apud* FURTADO, 1969) postula que muitas negras conseguiam juntar alguma quantia com a qual compravam sua alforria, e como mesmo depois de livres, como nada sabiam fazer, e nenhum patrimônio possuíam, continuavam a vender o sexo em troca de dinheiro. Por outro lado, algumas ex–escravas se tornaram respeitáveis donas, mães de família e senhoras de outros escravos. Este foi o caso de Xica da Silva (MOTT, 1988).

Quando João Fernandes de Oliveira – o Contratador – se interessou por ela, Xica já não era mais tão jovem (de acordo com os padrões da época) e já era mãe. No entanto o europeu a cobriu de ouro e lhe outorgou um poder enorme. Tiveram doze filhos e a ex–escrava viveu numa esplendorosa quinta. No período colonial as negras mineiras tinham fama de serem mais dóceis e belas que as escravas de outras regiões (POMER, 1980). Acreditamos que a docilidade era devido ao fato de que as negras que eram enviadas para aquelas paragens não eram utilizadas para os serviços de lavoura ou garimpo, mas se ocupavam dos serviços domésticos e desta forma introjetavam, em alguma medida, os valores e etiquetas dos brancos. O próprio governador do Rio de Janeiro, Luís Bahia Monteiro, em 1730 chegou a afirmar que "(...) não há mineiro que possa viver sem sua preta, dizendo que só com ela tem sorte nas lavras" (*apud* POMER, 1980:19).

Algumas destas negras, ao se tornarem concubinas de luxo, e mais raramente esposas de senhores abastados, viviam em grande luxo e vaidade; No Rio de Janeiro não era raro ver–se negras e mulatas cobertas de jóias, trajando cetim, fileiras de miçangas e saias de baixo no mais puro linho de Flandres. Isso mostra uma certa permissividade da sociedade brasileira da época, e através da ostentação de suas negras concubinas os senhores do comércio ou de engenho afirmavam sua riqueza e poder frente aos outros homens.

RELAÇÕES DE PODER E SEXUALIDADE

Numa situação em que seres humanos estavam submetidos a outros, econômica, social e psicologicamente é de se esperar que o sadismo e o masoquismo florescessem. Deste modo, o costume de açoitar escravos era público e anunciado com antecedência por tambores que rufavam veementemente. Homens, mulheres, crianças, negros, brancos, mestiços, indígenas, ricos e pobres, todos iam ver e fruir os açoites – verdadeiros espetáculos que misturam licenciosidade e crueldade. Narradores estrangeiros ficavam surpresos como a multidão exultava a cena e como exigia mais (ARANA, 1960). À cada corte aberto nas costas dos escravos – nesse tipo de punição era mais comum o elemento masculino – onde sangue, suor e lágrimas se misturavam, a turba excitada aplaudia o carrasco.

As mulheres brancas, talvez para compensar a submissão que sofriam dos maridos, exageravam no sadismo quando puniam algum escrava, principalmente se do sexo feminino – numa leitura psicológica podemos entender que também manifestam seu desejo sexual reprimido nestas torturas. Gilberto FREYRE (1926) conta de iaiás que destroçavam dentes de negras com o salto do sapato, e outras que mandavam cortar os mamilos das negrinhas recém entradas na adolescências – como se tais criaturas fossem as responsáveis pelos olhos gulosos dos maridos. Sérgio Diogo Teixeira (*apud* POMER, 1980) descreve a história de Dona Ana Paes, fazendeira de Goiás. Suspeitando que uma das escravas da fazenda estava grávida de seu esposo, Dona Ana aguardou pacientemente o nascimento do bebê; quando nasceu a criança mandou que suas escravas arrumassem luxuosamente uma mesa de jantar. Então ela mesma trouxe assado o recém–nascido. Partindo friamente a coxinha do bebê, atirou o pedaço no rosto do marido em choque gritando: "anda bandalho, come o teu filho!"

Desenvolveu–se também uma grande rivalidade entre senhoras e escravas – ambas desconhecendo que estavam todas submetidas ao mesmo poder: o patriarcado. As brancas tinham o ócio, a riqueza, o *status* e o poder, mas devido à falta de atividade engordavam logo após o primeiro parto, perdiam os dentes com facilidade – o que era acelerado pelo grande consumo de doces e guloseimas – e tinham então que 'concorrer' com as negras de corpo definido pela lida diária. Essas disputas ficam bem evidentes na seguinte quadrinha anônima, recolhida por Lamego (*apud* MOTT, 1988) na região de Campos de Goytacazes: "Se as brancas se vendessem/ou por ouro ou por prata/compraria uma delas/para servir às mulatas".

Era hábito naquele período que meninas brancas de 13, 14 anos se casassem com senhores de 50 anos. Em alguns anos o marido decrescia física e sexualmente – especialmente pelas condições de trabalho adversas e pela vida licenciosa que levavam – e devido a isso, juntamente com a subordinação com a qual eram obrigadas a tolerar destes maridos, algumas iaiás tinham amantes negros. Porém a mulher devia ser bastante ardilosa e audaciosa para proceder assim,

pois embora a sociedade fosse condescendente com as relações de brancos com escravas, punia severamente as relações de homens escravos com mulheres brancas. (POMER, 1980). Muito escravo foi sumariamente castrado pela simples suspeita de ter atraído o desejo de alguma sinhá. M. Bonfini em sua obra intitulada "América Latina" (*apud* ARANA, 1960) conta que muitas sinhás–moças foram criadas se roçando nos moleques de cor, e entregavam–se sexualmente e eles; quando isso era descoberto a moral patriarcal intervinha ferozmente: o negro era 'capado' com uma faca e sua ferida salgada; a rapariga, com um dote reforçado, era casada com um primo pobre ou um jovem mancebo de alguma localidade distante que não havia recebido tais notícias.

As relações homoeróticas também eram presentes – explícitas, como nos casos em que senhores exigiam serem sodomizados por seus escravos negros, ou vice–versa, ou então mais sutis, como é o caso narrado a seguir pelo Padre Lopes Gama:

"Conheço uma respeitável Sibita que, creando uma negrinha que hoje terá seus 14 annos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço da sua yayá gorda, que esta lhe vá dando trincos na carapinha e fazendo mechas do vestido da pateta, e chupando–as até adormecer! Aqui há porcaria, má creação e desaforo" (MOTT, 1988:88).

Outro aspecto curioso era o enorme prestígio e participação das mucamas na vida particular e sentimental das sinhazinhas; Joaquim Manuel de Macedo, autor de "A Moreninha" escreveu certa feita que a mucama, embora escrava, era ainda mais presente que o padre confessor ou o médico na vida íntima das donzelas solteiras (FURTADO, 1969). A mucama, além de ser a confidente dos amores proibidos lhes fazia cafuné, lhes penteava o cabelo, dava banho nas sinhás–moças. E considerando que a ociosidade era ainda maior para as mulheres brancas, ainda mais solteiras, deduzimos que as conversas eram a única diversão e passatempo dessas moças e de suas aias. Temos que lembrar também que, nos casos em que a moça fugia com um outro rapaz não desejado pela família, ou mais raramente com um negro ou mulato, a mucama era figura central em toda a trama, realizando–se, de certa forma, no ímpeto e na fuga da 'amiga'.

Enfim, durante os três séculos de escravidão africana no Brasil europeus, prevalentemente portugueses, e negros, sem mencionar os indígenas, se odiaram, se amaram, se relacionaram, se excluíram, originando os pilares étnicos e culturais do povo brasileiro. E talvez os versos a seguir, coletados por Leon Pomer melhor representem algumas situações com as quais viveram os contemporâneos da escravidão no Brasil, onde vemos as questões de dominação étnica, de gênero e as relações incestuosas nitidamente:

"A linda mulatinha/a cria da fazenda/a todos encantava, a todos seduzia./O lindo seio envolto em renda grossa/se ela caminhava estremecia./O filho do senhor, janota petulante/olhava a mulatinha e demorava no olhar/havia já pensado em ser seu amante/e dela o coração julgava dominar./um dia resolveu entrar ocultamente/aonde adormecera a pobre da criança/no seio foi bulir, e ela incontinenti/ergueu–se e lhe fugiu, deixando–o esperar./À velha preta mãe contou o que lhe aconteceu/a preta a soluçar, a mãe do coração/fitando a mulatinha a custo respondeu/cuidado minha filha, escuta... é teu irmão!" (POMER, 1980:234).

Notamos pela passagem acima e pela análise dos historiadores referidos, que a colonização do Brasil por Portugal fundamentalmente foi alicerçada na exploração do corpo do outro, o que exigiu a articulação de um forte aparelho ideológico (psíquico) repressivo e hierarquizante. A mentalidade produzida nesse período, tanto pela igreja quanto pelas relações familiares, tiveram o cunho do controle e da dominação–subordinação. Desta feita, notamos que algumas destas características se encontram presentes em nosso imaginário até o presente momento, embora mais sutis e complexificadas, e um exemplo disso é a diferença de valor, atribuída pela mídia, às mulheres negras em detrimento das mulheres brancas, ou o vínculo da sexualidade dos homens negros com a animalidade.

BIBLIOGRAFIA

ARANA, Diego B. **Historia da América**. Buenos Aires, Editorial Futuro, 1960.

BOCK, Ana Mercês B et alii (org**). Psicologia sócio–histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** São Paulo, Cortez, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica da América Latina.** Rio de Janeiro, Lia Editor, 1969.

MOTT, Luís. Escravidão, **Homossexualidade e Demonologia**. São Paulo, Ícone, 1988.NOVAIS, Fernando A. Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777 – 1808). São Paulo, Hucitec, 1979.

POMER, Leon. **América: História, Delírios e Outras Magias.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1961.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Sept Théses Erronées Sur L'amérique Latine ou Comment Décoloniser Les Sciences Humaines.** Paris, Anthropos, 1973.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

http://www.unir.br/~primeira/index.html

Consulte o site e leia os artigos publicados

dá-nos vazio
para este dia
a dose certa
de poesia

guarda em teu caos
como presente
todo o não ser
deste presente

CARLOS MOREIRA